

Uma abordagem etnoterminológica da visão de mundo dos quilombos urbanos ludovicenses: o léxico do bairro Camboa, São Luís/MA.

WANDERSON NASCIMENTO MORAES

Graduando em Letras Português/Espanhol

Universidade Federal do Maranhão - UFMA

E-mail: wanderson.moraes@discente.ufma.br

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2528-7373>

GEORGIANA MÁRCIA OLIVEIRA SANTOS

Doutora em Linguística

Professora na Universidade Federal do Maranhão - UFMA

E-mail: georgiana.marcia@ufma.br

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8001-3068>

Revista Falange Miúda

ISSN 2525-5169

Periodicidade:

Fluxo contínuo

Volume 7

Número 1

Recebido em: 15/03/2022

Aprovado em: 02/07/2022

Resumo

A língua é parte fundamental dos processos de identificação histórica e cultural de uma comunidade, nesse sentido, este trabalho teve como objetivo identificar e analisar as especificidades denominativas e, sobretudo, as semântico-conceituais constitutivas do léxico utilizado no território quilombola urbano ludovicense denominado Camboa para fins de elaboração de um glossário. Para tanto, esta investigação apoiou-se nos estudos teórico-metodológicos desenvolvidos, principalmente, por Sapir (1921), Hall (2006), Barbosa (2007), Pais e Barbosa (2004), Almeida (2011), Latorre (2013), Santos (2013). O *corpus* desta investigação foi coletado mediante a realização de entrevistas orais, pautadas em um questionário etnoterminológico, com 3 (três) mulheres e 3 (três) homens moradores do bairro Camboa há, pelo menos, 10 (dez) anos, autodeclarados negros e, sobretudo, participantes ativos de manifestações culturais ou sociais desse bairro. A importância desta pesquisa é marcada pela indiscutível necessidade de estudos, a partir de uma perspectiva etnoterminológica, sobre as realizações semântico-lexicais que constroem e fortalecem os processos identitários de territórios já oficialmente reconhecidos como territórios quilombolas urbanos ludovicenses. É primordial, portanto, reconhecer que investigações como esta promovem o registro das memórias que transitam entre as linhas ancestrais e as linhas descendentes dos moradores da Camboa e viabilizam o resgate de diálogos imprescindíveis para a manutenção, valorização e desmistificação de espaços potencialmente quilombolas urbanos.

Palavras-chave:

Camboa; quilombolo urbano; Etnoterminologia

1 Introdução

O Ato das Disposições Constitucionais Transitórias garante, em seu Artigo 68, o reconhecimento das ocupações de terras por comunidades quilombolas: “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o estado emitir-lhes os títulos respectivos.” (BRASIL, 2016, p. 93). Ainda que o reconhecimento da propriedade definitiva das comunidades quilombolas esteja resguardado constitucionalmente, vários quilombos brasileiros ainda enfrentam amarras no sistema judiciário burocrático do Brasil para obtenção desse benefício.

No que tange ao contexto maranhense, segundo o Diário da União (seção 1, p. 6), no dia 13 de novembro de 2019, a Fundação Palmares emitiu certificado, através da Portaria nº 192, para o Quilombo da Liberdade como remanescente de quilombola em área urbana composta pelos bairros Liberdade, Fé em Deus e Camboa.

De acordo com as narrativas dos informantes desta pesquisa, a maior parte dos moradores da Camboa advém do município de Alcântara, mais especificamente, de uma comunidade quilombola rural ainda não certificada – Santo Inácio. Foi possível identificar, também, que a comunidade é constituída predominantemente por pessoas negras, católicas, embora haja participação direta dessas pessoas nos terreiros da Liberdade e adjacências.

Diante das especificidades supracitadas, nesta pesquisa, exploramos um conjunto de narrativas de quilombolas da Camboa que revelam a luta contra o sistema opressor, a busca por espaços de poder, pelo direito de viver, pelo direito ao respeito e por equidade social que alimentam a assimetria social histórica entre povos brancos e pretos.

Para além disso, empreendemos reflexões acerca de algumas particularidades que apoiam esta investigação, essencialmente, no que tange às ramificações linguísticas. Nesse ponto, nós nos atemos principalmente na relação que as particularidades da língua desenvolvem com o meio em que é produzida, evidenciando, portanto, a visão de mundo dos falantes quilombolas da Camboa.

2 Apontamentos teóricos-metodológicos

Para além de questões linguísticas, as narrativas coletadas revelam que parte dos quilombolas desenvolvem por suas comunidades um sentimento de afeto e pertencimento. Na Camboa, por exemplo, esse sentimento herdado dos antepassados dos moradores é explicado nas ponderações de Hall (2006, p. 56) que, citando Timothy Brennan (1990) e Renan (1990) em **A identidade cultural na pós-**

modernidade, explica as ideias e as relações da cultura nacional no processo de construção identitária.

Em seu famoso ensaio sobre o tema, Ernest Renan disse que três coisas constituem o princípio espiritual da unidade de uma nação: "... a posse em comum de um rico legado de memórias..., o desejo de viver em conjunto e a vontade de perpetuar, de uma forma indivisiva, a herança que se recebeu". Devemos ter em mente esses três conceitos, ressonantes daquilo que constitui uma cultura nacional como uma "comunidade imaginada": as memórias do passado; o desejo por viver em conjunto; a perpetuação da herança. "Timothy Brennan nos faz lembrar que a palavra nação refere-se "tanto ao moderno estado-nação quanto a algo mais antigo e nebuloso - a natio - uma comunidade local, um domicílio, uma condição de pertencimento."

Além da historicidade, da memória e do pertencimento, o processo de reconhecimento identitário dos moradores da Camboa leva em consideração um conjunto de outros fatores. Tendo em vista toda essa complexidade, esta pesquisa explorou um conjunto de narrativas que revelam, alinhadas ao seu objetivo, a luta contra o sistema opressor, a busca por espaços de poder, pelo direito de viver, pelo direito ao respeito e por equidade social que alimentam a assimetria social histórica entre povos brancos e pretos.

Sobre essa assimetria, Almeida (2011, p. 91-92) ressalta que a questão central é como assegurar uma abolição que, de fato, fosse libertária e benéfica, uma vez que não foram oferecidas condições mínimas de sobrevivência aos negros:

Como assegurar aos descendentes de escravos a condição de cidadãos com plenos direitos, iguais aos demais. A engenharia jurídica de institucionalizar a expressão "remanescentes das comunidades de quilombos" evidencia a tentativa de reconhecimento formal de uma transformação social considerada como incompleta. A institucionalização incide sobre "resíduos" e "sobrevivências", revelando as distorções sociais de um processo de abolição da escravatura bastante limitado e parcial. (ALMEIDA, 2011, p. 91-92)

Partindo dos pressupostos identitários de comunidades quilombolas urbanas, buscamos investigar as particularidades linguísticas, mais especificamente léxico-semânticas, do quilombo Camboa considerando, também, que essa comunidade reserva uma grande carga sociocultural de relações, vivências, heranças e experiências de alguns quilombos rurais maranhenses. Entação teórica linguística, tomamos como base os estudos sobre Etnoterminologia, uma subárea da Terminologia cujo foco principal é o signo linguístico no contexto do discurso etnoliterário, no conjunto de saberes sociais e culturais herdados e compartilhados por uma etnia, isto é,

A literatura oral, literatura popular, literatura de cordel, mitos, lendas, folclore que são preservados, ao longo dos séculos, pela memória coletiva das comunidades e transmitidos de uma geração à outra pelas populações e também os discursos especiais com baixo grau de tecnicidade e cientificidade (PAIS; BARBOSA, 2004, p. 79-100).

É pertinente destacar que os usos linguísticos de cada grupo étnico não são estáticos, mudam de acordo com as suas experiências socioculturais, o que corrobora a ideia de que “a língua é processo e produto das percepções próprias de cada grupo étnico-cultural, dessa maneira, pode mudar no tempo e no espaço a depender das especificidades e das inovações das experiências socioculturais desses grupos no mundo, circunscritas em um determinado espaço e em um dado tempo.” (SANTOS, 2013, p. 59).

Dessa forma, “a Etnoterminologia está intimamente associada ao sentido de etnia e etnismo na formação social e cultural de um grupo, e às interferências históricas e geográficas que subordinam o processo de conceptualização dos seus sujeitos.” (LATORRE, 2013, p. 76).

O vocábulo-termo — unidade mínima de significação e de análise da Etnoterminologia — agrega uma multifuncionalidade de papéis configurada pela convergência de funções de vocábulo e de termo que acumula. Isto é, “as unidades lexicais do universo do discurso etnoliterário têm um estatuto próprio e exclusivo” (BARBOSA, 2007, p. 440), pois não apresentam os mesmos traços semânticos da língua geral e nem são utilizadas, com o mesmo semema, nas linguagens especializadas. Cabe à Etnoterminologia, portanto, estudar o uso das unidades lexicais e a formação conceptual considerando a variação étnico-cultural.

A aproximação da Etnoterminologia com a formação sociocultural nos permite confirmar que a “língua não existe separada da cultura, isto é, do conjunto socialmente herdado de práticas que determina a textura de nossas vidas.” (SAPIR, 1921, p. 170-171). E, compatibilizando as ponderações e relações entre língua, cultura e sociedade, percebemos, através das narrativas dos nossos informantes, a relação histórica e sociocultural que a Camboa possui com Alcântara. Apoiando-nos, então, nos estudos etnolinguísticos e, sobretudo, nos etnoterminológicos, nossas análises reforçam o fortalecimento dos processos identitários dos moradores da Camboa por meio do arquivo de memórias de gerações desse território.

A saber das considerações mencionadas, os estudos etnolinguísticos assumem um protagonismo principalmente ao evidenciar as relações entre língua, cultura e sociedade. Isto é, o meio em que se produz determinadas formas de comunicação são cruciais para que se possa perceber e estabelecer as características sociais e culturais de determinados povos.

A Etnolinguística abrange domínios tanto da Linguística quanto da Antropologia, por isso não é uma disciplina isolada e autônoma. Ela se preocupa em investigar os relacionamentos entre a língua e visão de mundo, a partir do contexto em que a língua é produzida, analisando a sua adaptação a este contexto e seu poder de expressão. Através dela, é possível perceber de que forma a visão de mundo de um grupo está relacionada às suas experiências, bem como se verifica a influência da cultura no léxico e na gramática de uma língua, de acordo com as atividades, sua estrutura social e o ambiente geográfico. (BARRETO, 2010).

De modo subsequente, antes de adentrar na amostragem do glossário etnoterminológico, é essencialmente necessário, para efeitos de sentidos e entendimentos que o *conceptus* trata-se de noemas universais, biológicos, que garantem a múltipla nomeação e servem à conceptualização da semiótica natural, como os encontrados nos dicionários Houaiss (2001) e Aulete (2001). O *metaconceptus*, portanto, é composto pelos noemas ideológico-culturais que operam os movimentos de redução/ampliação de traços semânticos de acordo com as singulares experiências de um grupo étnico-cultural como o quilombo urbano da Camboa.

Portanto, metodologicamente, o *corpus* desta pesquisa, de base oral, é constituído por narrativas geradas por entrevistas realizadas com moradores da Camboa que atenderam ao seguinte perfil: 03 (três) homens e 03 (três) mulheres autodeclaradas (as) negros (as) e nascidos (as), preferencialmente, na localidade, com tempo de moradia no bairro de no mínimo 10 anos e, sobretudo, que tivessem envolvimento com atividades culturais, sociais e religiosas no bairro.

Destacamos, com base nesses requisitos, que através de análises, a faixa etária dos informantes não foi um fator determinante para as análises levantadas nesta pesquisa. Contudo, percebemos que o grau de envolvimento e atuação com as manifestações culturais da Camboa, direcionou uma visão ampla, característica e particular da comunidade, fazendo com que entendamos que esse é um requisito essencial para evoluir e alcançar nossos objetivos.

A priori, os entrevistados assinaram um termo de consentimento. Em seguida, procedemos ao preenchimento da ficha do informante que continha dados pessoais, como nome, endereço, apelido, tempo de moradia, estado civil, autodeclaração, se a família ou ele (a) veio de quilombos rurais, idade, naturalidade, escolaridade.

O questionário etnoterminológico usado para a coleta de dados continha 60 questões organizadas em dez campos semânticos – territorialidade; convívio e comportamento social; música; dança; diversão, lazer e jogos; vestuário e acessório; religião e crenças; enfermidades; comida e identidade-negritude – a fim de identificarmos, especialmente, os traços semânticos atribuídos, ampliados ou suprimidos por esse grupo para representar sua concepção de mundo.

Posteriormente às entrevistas, seguimos com as transcrições e com o preenchimento das fichas etnoterminológicas – compostas dos campos vocábulo-termo, campo semântico, contexto de uso, semas, *conceptus*, *metaconceptus* e definição – que subsidiaram a análise das diferentes etapas do processo de *conceptualização lato sensu* de cada uma das unidades lexicais reconhecidas como vocábulos-termos do quilombo urbano da Camboa.

Enfatizamos ainda, que a escolha dos vocábulos-termos se deu principalmente pela carga cultural e frequência no aparecimento durante as entrevistas. Já a exclusão de alguns dados, estabeleceu-se principalmente pela pouca

recorrência, pouca representação histórica e alguns desconhecimentos por parte de alguns colaboradores da pesquisa.

Para a elaboração da amostragem do glossário, usamos a ferramenta *Word*, com o intuito de organizarmos as unidades lexicais desse grupo. Em relação à macroestrutura do glossário, as entradas foram organizadas por ordem alfabética, e a microestrutura consta de vocábulos-termos-entradas (na parte esquerda da tabela em negrito); contextos de uso (entre colchetes); dados sobre o colaborador (abreviações do nome do(a) informante, sexo e data de entrevista entre parênteses); variante(s), quando houve, (separada(s) por barras). Para distinguirmos essas informações, fizemos uma separação com sinais gráficos e tipografias distintas.

Destacamos que, com o propósito de analisarmos com o máximo de profundidade possível as particularidades denominativas e semânticas dessa comunidade quilombola, selecionamos 3 (três) vocábulos-termos, que simbolicamente representam os pilares das narrativas históricas desses povos. Para a verificação do *conceptus* dos vocábulos-termos selecionados, usamos os dicionários *Aulete* (2011) e o *Houaiss* (2001). Ambos ofereceram o aporte necessário para que pudéssemos realizar as contraposições entre os aspectos conceptuais representativos da língua comum, ou seja, entre aqueles usados pelas pessoas em contextos de uso geral, e as singularidades metaconceptuais que refletem as experiências, vivências e carga étnica-cultural específicas dos quilombolas urbanos da Camboa.

3 Amostragem do glossário

Quadro 1 – Glossário do quilombo urbano ludovicense Camboa

| | |
|------------------------|---|
| <p>Babado</p> | <p>Tumulto causado por discussões, confusões, desavenças de grandes proporções que acontecem dentro do quilombo da Camboa. [INF – Olha... como sempre, final de festa em família terminando com alguma discussão, a gente diz que teve um babado] (E.C.R., sexo feminino, 31/05/2020) [INQ. – Quando acontece alguma confusão de proporção grande, alguma violência dentro do bairro, como vocês chamam isso? INF – É... Denominamos de fuzuê, auê, babado, para pra acertar, entre essas coisas] (T.R.C.C., sexo feminino, 15/04/2020). // Variantes: Fuzuê. Auê. Para pra acertar. //</p> |
| <p>Baqueoso</p> | <p>Forma de tratamento estigmatizada usada para referir-se ao homossexual afeminado e escandaloso. [INQ. - Como que se chama um homem que é homossexual? O que significa POC? Você já ouviu o termo qualhira? INF. – Sim, já ouvi muito essas expressões qualhira, meu pai costuma muito utilizar esse</p> |

| | |
|------------------------|---|
| | <p>termo, e... as minhas irmãs, quando a gente tá todo mundo reunido, elas costumam dizer que o qualhira é quando o homem é afeminado que é todo baqueoso e o gay é quando ele é afeminado, mas num é baqueoso. (E.C.R., sexo feminino, 31/05/2020). // Variantes: Qualhira. Bicha. //</p> |
| Bater um taroço | <p>1. Participar de campeonatos, disputas de futebol. 2. Brincar. [INQ. - Há campeonatos aqui? O que significa bater uma pelada? Há outras denominações pra isso aqui? INF. - Nós temos... sempre tem campeonato de futebol e geralmente no dia primeiro de maio sempre tem um torneio dos trabalhadores e final de ano também sempre tem. Outros significados que eu conheço é bater uma pelota, <i>bater um taroço</i> também] (T.R.C.C., sexo feminino, 14/04/2020) // Variante: Bater uma pelota. //</p> |
| Negro | <p>1. Pessoa empoderada a partir do cabelo, das vestimentas, da história e da identidade. 2. Pessoa que desafia a sociedade, amplia as reflexões sobre a sua existência e não se reduz ao vitimismo nem aceita o racismo. [INF. - Ser negro pra mim é ser de cor entre os brancos, é viver de forma coletiva, é ter seus traços negroides, como você disse, bem acentuados, certo? É sentir na pele toda uma consequência da escravidão de como o ato de você depreciar uma enorme população por conta da cor da sua pele nas consequências do nosso dia a dia] (E.C.R., sexo feminino, 31/05/2020) [INF. - Ser negro pra mim é.... um desafio a todo dia, é ter empoderamento em relação a quem eu realmente sou e a importância de... do “eu” como indivíduo na sociedade. Pra mim, ser negro num é fazer vitimismo, não é sofrer racismo, não é dentre outros como muitos denominam.] (T.R.C.C., sexo feminino, 15/04/2020).</p> |
| Quilombo Urbano | <p>1. Espaço ressignificado, de luta, riquezas culturais e naturais dos quilombolas. 2. Local habitado por pessoas majoritariamente negras vindas de quilombos rurais e que se instalaram em espaços urbanos em busca de melhorias de vida. [INF.- O quilombo, ele antes era considerado um local de negros fugidos, né? Refugiados aí, negros que fugiam das senzalas, fugiam da escravidão era... uma forma de resistência, né? Dos negros à escravidão. E, hoje, o quilombo, ele foi ressignificado como espaço de luta, um espaço político de luta dos quilombolas] (E.C.R., sexo feminino, 31/05/2020) [INF.- O conceito de quilombo pra mim é um local aonde cem por cento da população é negra e vivem em busca de melhorias</p> |

| | |
|-------------------|---|
| | para todos os moradores deste quilombo, em busca de direitos e deveres, também, a serem seguidos por todos que ali vivem e também lutam em busca de dias melhores para todos os moradores que ali residem] (E.J.F.C., sexo masculino, 18/04/2020). |
| Quilombola | 1. Pessoa que se sente pertencente a um quilombo, a uma determinada cultura e que constrói uma identificação com o território no qual está inserido. 2. Pessoa que compartilha e vivencia as heranças deixadas pelos ancestrais do povo negro. [INF.- Nas minhas concepções de quilombola, é você se sentir pertencente àquele território, daquele determinado espaço, né?] (E.C.R., sexo feminino, 17/05/2020) [INF.- Quilombola é trazer informações, trazer gestos, trazer tudo aquilo que o teu ancestral deixou ali pra ti. Ser quilombola pra mim é isso] (A.J.C., sexo masculino, 04/12/2019). |
| Torço | Adorno utilizado na cabeça das dançarinas do tambor de crioula, que, nacionalmente, ficou conhecido como turbante. [INF.- Depois desse levantamento, aí, da bandeira do empoderamento do poder negro em relação à sociedade, perante a sociedade, eh... as negras começaram a assumir mais o seu natural, aqui todas negras usam cabelos black, quando não usam black, usam dread, usam tranças, coisas que já vem mesmo da nossa época, né?] (T.R.C.C., sexo feminino, 13/04/2020). |

Fonte: autores

4 Análise dos dados

Negro – **contexto de uso:** 1) [ser negro, pra mim, é ser de cor entre os brancos, é viver de forma coletiva, é ter seus traços negroides, como você disse, bem acentuados, certo? É sentir na pele toda uma consequência da escravidão, de como o ato de você depreciar uma enorme população por conta da cor da sua pele nas consequências do nosso dia a dia (...). (E.C.R., sexo feminino, 31/05/2020)].

2) [Ser negro pra mim é... é um desafio a todo dia, é ter empoderamento em relação a quem eu realmente sou e a importância de... do “eu” como indivíduo na sociedade. Pra mim, ser negro num é... num é fazer vitimismo, não é sofrer racismo, não é dentre outros como muitos denominam, ser negro, pra mim, é ser alguém diferente, ser negro, pra mim, é desafiar... desafiar mesmo a sociedade em si...se... vamos se dizer... desafiar a sociedade, se impor perante a ela, dizer que todos nós

temos a mesma oportunidade, que todos somos iguais perante a Deus. (T.R.C.C., sexo feminino, 15/04/2020)].

Semas para o vocábulo negro:

- Luta diária contra o preconceito e a discriminação;
- Não fazer vitimismo, não sofrer racismo, traços negroides;
- Forma de realacionamento nos quilombos.

Conceptus (de acordo com dicionário):

- A cor do carvão, do piche, do ébano. 2. Soc. 2. Indivíduo de pele escura. 3. Escuridão, trevas: o negro da noite. [Dim.: negrilho, negrote] a. 4. Que é da cor do carvão do piche, do ébano (olhos negros). 5. Diz-se dessa cor: pedra de cor negra. 6. Que tem a pele escura. 7. Diz-se que é escuro tirante a preto, cinzento; que causa sombra, que traz escuridão tempestuosa (negras nuvens). (AULETE, 2011, p. 965).
- Que representa a cor negra. 5. ÓPT. que absorve todos os raios luminosos visíveis incidentes n. angola. B.N.E. m.q. Negro angola. GRAM a) nasc acep adj., sub. abs. Sint.: negríssimo; nigérrimo; b) como subst., aum. irreg.: negraço; negralhão; negralhaz c) como subst. dim. irreg.: negrilho; negrote. ETM. lat. *Niger.*, *gra*, *grum* 'negro, que tem a pele escura; sombria, escuro, tenebroso'. (HOUAISS, 2001, p. 2006).

Metaconceptus: 1. Pessoa que se empodera e tem uma cultura baseada na ancestralidade negra, que constrói uma identidade racial e constata, desde muito cedo, que os direitos dos povos pretos/negros são negados e violados. 2. Pessoa que reconhece e vivencia as relações de raízes quilombolas e tem traços negróides: lábios grossos e cabelos afros, mas é também alguém que tem uma consciência que ultrapassa as características fenotípicas.

Definição: 1 Pessoa que carrega uma história de luta e resistência frente a um sistema agressivo, opressor e racista. 2 Pessoa que compartilha vivências e experiências dos seus ancestrais. 3 Pessoa que luta por espaços de poder e pela manutenção da cultura afro. 4 Pessoa que fortalece suas identidades a partir de traços fenotípicos, influências étnico-culturais e da luta pelo simples direito de viver.

Os trechos acima, representam a visão de mundo de pessoas pretas/negras e evidenciam uma grande disparidade em relação às acepções dicionarizadas para o vocábulo-termo negro. Houaiss (2001) e Aulete (2011) apresentam conceitos calcados em uma visão colonizadora, racista e escravocrata. As relações pautadas nesses dicionários revelam pouca preocupação em desconstruir visões diminutas. Em

contrapartida, as narrativas dos informantes são construídas a partir de aspectos identitários, étnico-culturais, das relações vivenciadas diariamente no âmbito social e pela luta de direitos básicos.

A seguinte acepção presente no dicionário Aulete (2011, p. 965): “as crianças da rua com as mãos negras. 10. Pej. Horrendo, execrável, maldito, pavoroso (negra tradição, negra morte)” delibera uma correlação com narrativas racistas impregnadas nas estruturas da sociedade até os dias de hoje, as quais refletem que ser negro é algo muito ruim. Contudo, os semas específicos atribuídos pelos nossos informantes nos permitem evidenciar, sobretudo, a valorização das particularidades próprias da história vivida e contada pelos quilombolas da Camboa. Perceptivelmente, existe uma forte semelhança nos traços semânticos usados por vários informantes para esse vocábulo-termo, assim, percebemos a ativação da memória coletiva dessas pessoas.

Por isso, entendemos, que os apontamentos acima se apoiam nas bases dos estudos etnolinguísticos que levam em consideração - “o emissor, o receptor, a forma da mensagem linguística, os códigos, os canais de comunicação, o tema e o contexto.”(BARRETO, 2010). Para efeitos basilares, há uma forte relação entre a etnolinguística e a Antropologia: “sem dúvida, a partir do desenvolvimento da Linguística como ciência e da Antropologia, a língua passou a ser analisada cientificamente como elemento da cultura.” (BARRETO, 2010).

Portanto, as relações dos povos com o meio em que vivem resultam em discussões que essa Ciência se incube e é capaz de nos explicar. Levando em consideração essas especificidades, o *conceptus* estabelecido, provavelmente por uma episteme embranquecida, revela a impossibilidade de se conceituar a partir de uma visão ampla e histórica de um sujeito negro.

Quilombo urbano – **contexto de uso:** 1) [O quilombo, ele, antes, era considerado um local de negros fugidos, né? Refugiados aí, negros que fugiam das senzalas, fugiam da escravidão era... uma forma de resistência, né? Dos negros à escravidão. E, hoje, o quilombo, ele foi ressignificado como espaço de luta, um espaço político de luta dos quilombolas (...). (E.C.R., sexo feminino, 31/05/2020)].

2) [O nosso quilombo urbano, também, é muito bom para nos sentirmos muito mais em casa, vamo se dizer, muito mais à vontade, com pessoas quilombo urbano, também, é muito bom para nos sentirmos muito mais em casa, vamo se dizer, muito mais à vontade, com pessoas iguais a nós, que nos entendem, que nos compreendem e sabem o que passamos ou já deixamos de passar, isso é muito gratificante! (T.R.C.C., sexo feminino, 15/04/2020)].

Semas para o vocábulo quilombo urbano:

- Ressignificado como espaço de luta,
- Território de riquezas culturais e naturais,
- Direitos negados e violados.

Conceptus (de acordo com dicionário): Não dicionarizado nos dicionários utilizados, a saber Houaiss (2001) e Aulete (2011).

Metaconceptus: 1 Espaço de riquezas naturais e culturais que, atualmente, obteve uma ressignificação. 2 Espaço político e de resistência que é habitado, em suma, por pessoas pretas/negras. 3 Território de identificação dos quilombolas que fortalecem as suas vivências e promovem a manutenção de uma cultura deixada pelos ancestrais. 4 Espaço em que as pessoas estão à vontade e se sentem em casa, num ambiente formado por pessoas que entendem de suas lutas e de suas dores.

Definição: 1 Comunidade habitada por uma grande parcela de pessoas pretas/negras, que em alguns casos, por conta do capitalismo devorador, são retiradas dos seus quilombos rurais e se instalam em espaços urbanos. 2 Espaço de busca de melhorias de vida e oportunidades ao mesmo passo que procura manter, de forma obstinada, a cultura e a tradição afro.

O vocábulo-termo “quilombo urbano” não está dicionarizado e consideramos esse dado importante, visto que a ausência de um registro em dicionários de grande circulação, demonstram pouca ou nenhuma preocupação em registrar axiologias, muito embora, a sua popularidade e existência esteja assegurada em lei. Todos os saberes estabelecidos foram revelados pelos moradores do quilombo urbano Camboa.

Existe uma motivação carregada de historicidade para explicar a formação desses espaços. Nos estudos de Cultura e da Antropologia, o espaço “quilombo-urbano” se assenta nos postulados desenvolvidos por Montagu (1972), ao explicar os aspectos que envolvem a cultura: “Podemos defini-la como o modo de vida de um povo, o meio, em forma de idéias, instituições, potes e panelas, língua, instrumento, serviços e pensamentos, criado por um grupo de seres humanos que ocupam um território comum.” (MONTAGU, 1972, p. 131). É a partir de então, que percebemos que a cultura é um dos meios fundamentais para a formação desses espaços.

Concomitante a essas ponderações, Barreto (2010) nos explicita “No que tange ao léxico de uma língua, por exemplo, os estudos demonstram que este pode situar preferências culturais de uma dada comunidade, refletindo mais as coisas que estão diretamente ligadas à sua vida diária.” (BARRETO, 2010). Logo, a capacidade de quilombolas conceituarem através da história o *locus* “quilombo urbano” parte, primordialmente, das conexões experimentadas e vividas diariamente por esses povos.

Outrossim, o próprio processo do êxodo rural, segundo o qual os moradores das áreas quilombolas rurais, em busca de melhores condições de vida, se instalam em áreas urbanas, é também um dos fatores que explicam a existência desses territórios. E, muitas vezes, esses povos quilombolas são remanejados compulsoriamente, impulsionados pelo capitalismo devorador, que é capaz de devastar comunidades seculares.

Quilombola – **contexto de uso:** 1) [Nas minhas concepções de quilombola, é você se sentir pertencente àquele território, daquele determinado espaço, né? Você se sentir pertencente, também, daquela cultura na qual você foi inserida, que é a herança, né? (E.C.R., sexo feminino, 17/05/2020)].

2) [Quilombola é trazer informações, trazer gestos, trazer tudo aquilo que o teu ancestral deixou ali pra ti. Ser quilombola, pra mim, é isso. É trazer a tua negritude dentro de ti, que tu possa expor pra todo mundo que tu é negro e que tu não tem vergonha de ser negro e que tu tá ali pra encarar a vida do jeito que ela é (A.J.C., sexo masculino, 04/12/2019)].

Semas para o vocábulo quilombola:

- Heranças ancestrais;
- Negritude;
- Transferências culturais;

Conceptus (de acordo com dicionário):

- Escravo ou escrava refugiados em quilombo. (AULETE, 2011, p.1143).
- Escravo fugido para o quilombo cf. mocamaú. ETM orig. contrv; segundo Nascentes, do cruzamento de canhambora, termo de orig. tupi, com o quimb. quilombo segundo Oscar Ribas (1989), cruzamento do mesmo quilombo com o tb. quimb. kuombola ‘surrupiar, levar às ocultas’ SIN/VAR calhambora, calhambora, canhambola, canhambora, canhembora (HOUAISS, 2001, p. 2359).

Metaconceptus: 1 Pessoa pertencente a um grupo que possui ancestralidade negra marcada na história. 2 Pessoa preta que vive “com os nossos e como os nossos”, se apropriando e compartilhando das experiências culturais que esses ancestrais deixaram para pessoas negras quilombolas. 3 Pessoa que compreende a sua terra e o seu território e desenvolve a partir disso o sentimento de pertença.

Definição: 1 Pessoa que tem sentimento de pertença aos territórios quilombolas e às culturas afro. 2 Pessoa que não se envergonha dos seus traços negróides e dá ênfase a essas características particulares e inerentes aos povos quilombolas. 3 Pessoa que partilha e transfere aos seus descendentes as heranças culturais dos quilombos urbanos e rurais deixadas pelos ancestrais dos povos pretos/negros. 4 Pessoa que encara as dificuldades sociais e luta por equidade social.

A maioria dos sujeitos desta pesquisa se identificam “quilombolas”, contudo, ressaltamos que as acepções dos dicionários Houaiss (2001) e Aulete (2011) não asseguram uma definição que, realmente, contemple essas pessoas. Ao enfatizarmos

a necessidade desses dicionários trazerem conceitos que promovam o fortalecimento da identidade de pessoas quilombolas, constatamos que as narrativas dos informantes mantiveram uma forte relação com a história dos seus ancestrais.

Acerca disso, Dick (1998) ecoa: “A linguagem como fato social põe em destaque ações, atividades, valores e referenciais do cotidiano do grupo”, o contexto linguístico das pessoas que estão envolvidas em pesquisar e construir acepções do dicionário é distinta da comunidade investigada, mas, a partir dos dados coletados, entendemos que sempre há tentativas de manter os valores e costumes repassado de geração em geração.

Desse modo, enquanto as acepções dicionarizadas se preocuparam em reduzir o sujeito quilombola ao escravo fugido, apropriando-se de uma perspectiva majoritariamente eurocêntrica, os protagonistas desse vocábulo-termo ampliaram essa visão para aspectos culturais baseando-se numa vivência solidária, coletiva, entre pessoas que partilham das mesmas lutas.

5 Considerações Finais

Reconhecer a luta de pessoas negras pela igualdade de direitos, bem como, as situações de resistência que protagonizam frente a um sistema opressor e racista é, indiscutivelmente, necessário no contexto educacional. Assim, a presente pesquisa buscou, sobretudo, investigar as representatividades léxico-semânticas do quilombo urbano da Camboa, ou seja, as particularidades conceptuais e/ou denominativas existentes nesse quilombo para promover uma melhor compreensão da visão de mundo dos sujeitos desse espaço.

Os etnotermos aqui apresentados, demonstram a diversidade das visões de mundo da comunidade da Camboa. Além do mais, constatamos que tanto as particularidades denominativas quanto as acepções recriadas pelos quilombolas evidenciaram, sobretudo, a potência étnico-cultural desse espaço.

Esta investigação em torno das questões lexicais e de negritude, sem dúvida, poderá contribuir para que sejam desmistificadas percepções marginalizadas e estigmatizadas acerca dos quilombos urbanos de São Luís e estimular a ampliação dos estudos etnoterminológicos sobre outros quilombos urbanos brasileiros.

Referências

- ALMEIDA, A. W. B. *Quilombos: Repertório Bibliográfico de uma Questão Redefinida (1995-1997)*.
- AULETE, C. *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Caldas Aulete; [organizador Paulo Geiger]. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.
- BARBOSA, M. A. Etno-terminologia e terminologia aplicada: objeto de estudo, campo de atuação. In: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. 3. Campo Grande: Editora UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007. p. 440.
- _____. PAIS, C. T. *Da análise de aspectos semânticos e lexicais dos discursos etnoliterários à proposição de uma etnoterminologia*. In: Matraga, Rio de Janeiro, vº. 16, p. 79-100, 2004.
- BRASIL, Portaria nº 192, de 13 de novembro de 2019. Certifica que a comunidade, a seguir identificada, se Autodefiniu como Remanescente de Quilombo, conforme Declaração de Autodefinição Disponível: <<https://www.jusbrasil.com.br/diarios/271636896/dou-secao-1-14-11-2019-pg6?ref=feed>> acessado em: 18 mai. 2020.
- DICK, M. V. de P. do A. Os nomes como marcadores ideológicos. *Revista Internacional de semiótica e linguística*. São Paulo, 1998, p. 97-122.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário da língua portuguesa / Antônio Houaiss e Mauro de Salles Vilar*, elaborado no Instituto Houaiss de Lexicografia e Banco de dados de Língua Portuguesa S/C Ltda.- Rio Janeiro: Objetiva, 2001.
- LATORRE, V. R. D. *Uma abordagem etnoterminológica de Grande Sertão: Veredas*. (2011). Dissertação de Mestrado. FFLCH da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- LIMA BARRETO, E. R. Etnolinguística: pressupostos e tarefas. *P@rtes*. (São Paulo). Junho de 2010. ISSN 1678-8419. Disponível em <Etnolinguística: pressupostos e tarefas – Revista Partes>. Acesso em: 15 jun. 2022.
- MONTAGU, A. *Introdução à Antropologia*. São Paulo: Cultrix, 1972.
- SANTOS, G. M. O. *Um saber semioticamente construído: a visão de mundo do quilomdo de Jamarý dos Pretos- Turiaçu/MA*. Tese (doutorado) Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, 2013.
- SAPIR, E. *An Introduction to the Study of Speech*. New York: Harcourt Brace, 1921.

An ethnoterminological approach to the worldview of urban quilombos in ludovicenses: the lexicon of the Camboa neighborhood, São Luís/MA

Revista Falange Miúda

ISSN 2525-5169

Periodicity:

Fluxo contínuo

Volume 7

Number 1

Received in: 15/03/2022

Approved in: 02/07/2022

Abstract:

Language is a fundamental part of the processes of historical and cultural identification of a community, in this sense, this work aimed to identify and analyze the denominative specificities and, above all, the semantic-conceptual ones that constitute the lexicon used in the urban quilombola territory of ludovicenses called Camboa for purposes of creating a glossary. Therefore, this investigation was supported by theoretical-methodological studies developed, mainly, by Sapir (1921), Hall (2006), Barbosa (2007), Pais and Barbosa (2004), Almeida (2011), Latorre (2013), Santos (2013). The corpus of this investigation was collected through oral interviews, based on an ethnoterminological questionnaire, with 3 (three) women and 3 (three) men who lived in the Camboa neighborhood for at least 10 (ten) years, self-declared black and, above all, active participants in cultural or social events in this neighborhood. The importance of this research is marked by the indisputable need for studies, from an ethnoterminological perspective, on the semantic-lexical achievements that build and strengthen the identity processes of territories already officially recognized as urban quilombola territories in ludovicense. It is essential, therefore, to recognize that investigations like this promote the recording of memories that transit between the ancestral lines and the descendants lines of the residents of Camboa and enable the rescue of essential dialogues for the maintenance, valorization and demystification of potentially urban quilombola spaces.

Keyword:

Camboa; urban quilombo; ethnoterminology